

Ensaaios com a história cultural

Essays on cultural history

MARTINS, William de Souza; SANGLARD, Gisele (orgs). *História cultural: ensaios sobre linguagens, identidades e práticas de poder*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, 236 p.

Maria da Conceição Francisca Pires

conceicao.pires@uol.com.br

Professora adjunta

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Av. Pasteur, 458 - Urca

22290-240 Rio de Janeiro - RJ

Brasil

Palavras-chave

História cultural; Linguagem; Representação.

Keywords

Cultural history; Language; Representation.

279

Recebido em: 15/5/2012

Aprovado em: 4/6/2012

A cultura, definida como a capacidade de pensamento simbólico, é parte da verdadeira natureza do homem. A cultura não é suplementar ao pensamento humano, mas seu ingrediente intrínseco (LEVI 1992).

Em palestra proferida na Universidade Estadual de Maringá,¹ em 23/3/1996, Peter Burke utiliza a obra do historiador suíço de meados do século XIX Jacob Burckardt, e do holandês J. Huizinga, para apontar quatro aspectos que, a seu ver, inviabilizariam uma aceitação contemporânea de uma história cultural nos "moldes clássicos".

Em linhas gerais Burke aponta as seguintes questões como fundamentais para o reforço da necessidade de revisão da história cultural no decorrer do século XX, a saber: 1) a necessidade de romper com uma história da cultura dissociada da infraestrutura econômica e da estrutura política, ou seja, uma história da cultura "suspensa no ar"; 2) a história cultural "tradicional" parte do pressuposto da existência de consensos culturais; 3) "a ideia clássica de cultura era estreita demais"; e 4) os moldes tradicionais da história cultural produzida entre o século XIX e começo do XX não correspondem mais às expectativas contemporâneas.

Com esse ponto de partida crítico, Burke defende a premissa de que o que distingue a nova história cultural desse modelo "clássico" seria a abrangência acerca da ideia de cultura que a caracteriza. Além disso, para esse autor "Talvez fique mais claro dizer que a grande inovação é a incorporação ou, ao menos, a tentativa de incorporar a vida cotidiana na história cultural" (BURKE 1997, p. 5).

280

No debate que se desenvolveu na mesma mesa, após as considerações de Peter Burke, o historiador Elias Thomé Saliba apresenta uma intrigante e fundamentada crítica ao historiador inglês ao chamar a atenção para questões "essenciais" que passaram ao largo das reflexões de Burke. Para Saliba, os aspectos apontados por Burke correspondem apenas a "sintomas", e o que fundamenta a mudança no enfoque da história cultural é, especificamente, um conjunto de "alterações do estatuto teórico na compreensão da cultura e da história" (SALIBA 1997, p. 16). A revisão da história cultural tratou-se, assim, de um processo de emancipação "de modelos que remetiam o social a outra coisa e não a si mesmo", desse modo a cultura passou a relacionar-se com a totalidade histórica.

Um segundo elemento assinalado por Saliba diz respeito aos novos contornos que são acentuados pela nova história cultural à dimensão cultural, de modo que ela torna-se "um estudo dos processos e práticas das quais se constrói um sentido e se forjam os significantes do mundo social" (SALIBA 1997, p. 12). Assim, em sua concepção a nova "missão" dos historiadores da cultura seria "compreender como os homens do passado se compreendiam, como eles se constituíam a si mesmos, à sua totalidade e à sua própria história" (SALIBA 1997, p. 12).

Penso que as considerações de Saliba sintetizam, de forma singular, as questões que explicam e justificam a pertinência e ampliação dos estudos contemporâneos no âmbito da história cultural.

¹ Publicada na revista *Diálogos*, BURKE 1997. As ideias discutidas nessa palestra estão diluídas no livreto BURKE 2008.

Atualmente é extenso o número de trabalhos acadêmicos ligados a história cultural. Sem me estender na discussão sobre os precursores dessa forma de abordagem – os *Annales* e a sua contribuição para o redimensionamento da noção de documento – em geral o que se observa nesses estudos é a preocupação em acentuar as viabilidades teórico-metodológicas das categorias que formam o patamar conceitual da história cultural. Representações, imaginário, cultura, memória, sensibilidades, apropriação... indubitavelmente, esses conceitos são o esteio da história cultural e orientam os historiadores que adentram pelo amplo terreno da cultura, problematizando seus estudos e demarcando o espaço historiográfico ocupado pela história cultural como uma corrente estabelecida.

Respondem, assim, às críticas correntes durante as décadas de 1980 e 1990, período em que se destacaram no Brasil as pesquisas no âmbito da história cultural, referentes ao seu estatuto teórico e epistemológico. A multiplicidade dos enfoques que norteavam as premissas dos estudos em história cultural era um segundo aspecto que suscitou críticas dos que percebiam a multiplicidade como prova de “desacerto e incongruências” (VAINFAS 1997), e não como uma característica de um campo de estudo que buscava colocar em relevo exatamente a pluralidade das relações sociais e da cultura.

Em contrapartida, algumas tentativas de apontar os méritos da história cultural, parecem não ter obtido êxito, sobretudo quando se ancoraram em designações como “refúgio das mentalidades” (VAINFAS 1997) e se ocuparam mais em indicar seus campos temáticos, que em discutir os conceitos e o embasamento teórico-metodológico que serviu de alicerce para esse campo de estudo.

Associada à definição conceitual, foi fundamental para demarcar a contribuição da história cultural na renovação da pesquisa histórica e da sua escrita a delimitação de um suporte metodológico próprio, que prima pela junção de estratégias e que proporciona condições para que o historiador possa:

contrapor opostos, apostando nas revelações possíveis desse enfrentamento; [...] de um método detetivesco, que sairia do texto para encontrar outros discursos, em um diálogo intertextual; de um método que prestaria atenção nos detalhes, nos sintomas [...] (PESAVENTO 2008, p. 17).

Ao delimitar de forma mais clara sua base metodológica, a história cultural respondeu aos reclamos de que “apesar de uma enxurrada de prolegômenos e discursos sobre o método..., os franceses não elaboraram uma concepção coerente de *mentalités* enquanto campo de estudo” (DARTON *apud* HUNT 2001, p. 12).

Um olhar panorâmico sobre as pesquisas recentes permite constatar a inegável importância que essas têm demonstrado para o alcance das sensibilidades, valores e códigos específicos de diferentes contextos históricos e para o trabalho de reconstrução da memória política e cultural do país. É o que se torna visível após a leitura de *História cultural: ensaios sobre linguagens, identidades e práticas de poder*, livro publicado pela editora Apicuri e organizado por William de Souza Martins e Gisele Sanglard.

Passado um pouco mais de um quarto de século de debates em torno dos pressupostos que se tornaram o fundamento da história cultural, os nove

artigos que compõem esse livro contribuem de forma incisiva para demonstrar a maturidade alcançada por esse campo de estudos. Em primeiro lugar, destaca-se a preocupação em expor aos leitores os conceitos e metodologias empregadas, problematizando-os através de diferentes exercícios empíricos. Aos conceitos vitais para a história cultural, foram associados os de território, identidade, subjetividades, poder, linguagens proporcionando a visualização da reconfiguração assumida pela história cultural nos últimos anos.

Um segundo aspecto que singulariza o livro refere-se a bem sucedida proposta interdisciplinar contemplada pelos trabalhos apresentados. Às categorias analíticas próprias da história foram agregadas categorias de outras disciplinas, como literatura, linguística, artes, antropologia, sem que houvesse um ofuscamento do nosso reduto disciplinar. Assim, munidos de conceitos tomados de empréstimos das outras disciplinas, os autores em questão souberam aprofundar seus recortes e construir seus objetos de pesquisa evidenciando aos leitores as posturas historiográficas assumidas.

Embora o título apresente a proposta de que o livro seja uma reunião de "ensaios", apenas os artigos "Encontros com a história cultural, a partir do estudo das festas, das ordens religiosas e da santidade feminina no Antigo Regime", de William de Souza Martins, "Entre Tramas, jogos e ressonâncias: reflexões sobre uma pesquisa em história cultural", de Fabio Henrique Lopes, "Texto e contexto em história e literatura: a crise do mito da democracia racial brasileira", de Jose Jorge Siqueira e "Cinema e história cultural", de Rosângela de Oliveira Dias, cumprem tal intento ensaístico.

282

Entretanto, o pequeno "desvio de rota" dos demais autores não compromete o intuito de oferecer aos leitores resultados de pesquisas que englobaram recentes categorias conceituais incorporadas pela história cultural e que transitam com bastante desenvoltura por caminhos interdisciplinares, sofisticando, sobremaneira, suas análises.

Como informado na apresentação do livro, em seus ensaios William de Souza Martins e Fabio Henrique Lopes fizeram a opção de dialogar de forma livre com referenciais nos seus respectivos campos temáticos. No primeiro caso, a análise das festas no Antigo Regime encontrou aporte nas reflexões de Mikhail Bakhtin e Peter Burke, e com extrema sutileza se aproximou dos estudos antropológicos no que tange ao exame dos rituais, valores e normas que dão sentido aos símbolos, apontando para as suas imbricações com as relações de poder.

Também pensando nas redes de poder, o ensaio de Fabio Henrique Lopes, por sua vez, transita com bastante desenvoltura pelas categorias desenvolvidas por Michel Foucault para estudar a relação entre as práticas discursivas médicas e as relações sociais, discutindo, através destas relações, a *anatomia do poder*. O exame das relações entre práticas discursivas e tecnologias de poder, reitera a afirmação de Foucault acerca das contingências históricas que delimitam as formações discursivas. Finalmente, sua análise contribui para ampliar o leque de alternativas para a compreensão das redes de poder através de uma abordagem que prioriza as discontinuidades. É uma perspectiva que corrobora com o pressuposto de que "nas relações de dominação, os dominantes não

anulam os dominados, ainda que haja desequilíbrio de força entre os dois lados” (GOMES 2005, p. 24).

Os ensaios de Jose Jorge Siqueira e Rosangela Oliveira Dias, por outro lado, dão visibilidade às potencialidades do texto literário e do cinema como fontes do conhecimento histórico, em ambos os casos assinalando a importância do rigor crítico no exame dessas fontes e da seleção dos conceitos para o processo de decifração associado a uma atitude hermenêutica.

Siqueira inicia estabelecendo um profícuo diálogo com Luiz Costa Lima, Jean Starobinsk e Antonio Candido. Em seguida, discute como o processo seletivo dos conceitos é decisivo para que as questões e os problemas colocados abarquem a multiplicidade dos sentidos que as fontes proporcionam. Como demonstrado pelo autor, a seleção conceitual é uma etapa fundamental para valorizar e expandir possibilidades que nem sempre são devidamente contempladas nessas fontes. Outro importante debate promovido pelo autor refere-se à ação interpretativa do leitor. Ladeando as reflexões de Roger Chartier acerca das questões que envolvem a recepção e a leitura dos textos, o autor confere a essa prática um estatuto de produção do conhecimento.

Rosangela Dias fundamenta parte de sua discussão nas colaborações de Marc Ferro e através de um estudo de caso, discorre sobre as questões de fundo que devem e podem ser consideradas – sem que suas recomendações representem um cativeiro metodológico – para a realização da leitura histórica dos filmes, assinalando a complexidade que envolve as relações de produção no campo cinematográfico. Afinal, colocar em evidência o fato de que um filme é fruto de “elementos cinematográficos e extracinematográficos” é fundamental para que se torne possível apreendê-lo em sua totalidade (ROSSINI 2008).

Metodologicamente suas reflexões mostram-se de suma importância para que se evite incorrer no equívoco comum, sobretudo, no ensino de história, de efetuar uma repetição instrumentalizada da narrativa cinematográfica que exclui as significações possíveis em seu interior.

Os artigos “Da valorização das favelas na década de 1920: uma reflexão sobre o samba Não quero saber mais dela, de Sinhô”, de Romulo Costa Mattos, e “O samba do crioulo doido: de manifestação cultural afro-brasileira em um território étnico a símbolo da cultura nacional”, de Lúcia Silva, se aproximam, em primeiro lugar, no tema eleito para apreciação, no caso as manifestações culturais. Ambos acompanham a noção de cultura a partir dos pressupostos desenvolvidos por E. P. Thompson, acentuando as contradições e fraturas existentes dentro de um mesmo conjunto cultural. Comungam, por fim, de uma perspectiva interdisciplinar, ostentando um rico intercâmbio com a antropologia.

Estabelecem também um interessante *link* com o artigo de Ana Maria Dietrich, “Repressão, controle e vida associativa social e cultural dos imigrantes germânicos em São Paulo”, ao evocarem os indivíduos, as trajetórias pessoais, as histórias de vida e as subjetividades para capturar universos de sentido de grupos diferentes e distantes, que integram o campo do informal e do popular. Os três autores usufruem com bastante desenvoltura do interesse da história social pelos “de baixo”, incluindo em suas observações não apenas a condição de classes, mas de etnia, gerações

e as outras formações identitárias que construíram suas identidades de forma diversa, valendo-se da cultura como principal instrumento de coesão.

Os artigos “Cultura, sociedade e saúde no Rio de Janeiro durante a Primeira República”, de Gisele Sanglard, e “Memórias de si, sentidos revisitados: o Conselho Federal de Cultura e as comemorações em torno do movimento modernista (1967-1972)”, de Tatyana de Amaral Maia, constituem exemplos preciosos da fértil proximidade que é possível estabelecer com a história política ao explorarem outras dimensões do político, no segundo caso especificamente pensando em termos de cultura política e política cultural. Propõem um exame sobre as malhas do poder, ao mesmo tempo em que discutem o caráter relacional que envolve as relações de poder.

Em comum os autores de *História cultural: ensaios sobre linguagens, identidades e práticas de poder* expressaram a preocupação em pontuar o conjunto de pesquisas referenciais que gabaritou e orientou suas interpretações pessoais, bem como as metodologias empregadas no trabalho empírico.

O livro favorece a compreensão e visualização de práticas e grupos considerados pela historiografia tradicional como marginais. Faculta ainda um exame apurado acerca dos procedimentos empregados pelos mesmos para conferir legitimidade às suas ações, colocando em relevo aspectos que tangenciam questões econômicas, mas que se alicerçam fundamentalmente nos referenciais socioculturais dos atores em questão.

Desse modo, é um livro que auxilia a dirimir as eventuais dúvidas que persistam quanto aos conceitos e métodos da história cultural por explorar, com maturidade e refinamento, o seu embasamento teórico-metodológico. Torna-se, portanto, uma importante contribuição para os interessados em acompanhar de forma mais próxima as mudanças, rupturas e também as permanências que caracterizam a história cultural.

284

Referências bibliográficas

- ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Faperj, 2003.
- BURKE, Peter. Culturas populares e cultura de elite. **Diálogos**, Maringá, v. 1, n. 1, 1997.
- _____. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- GOMES, Ângela de C. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria F.B.; GOUVÊA, Maria de F.S. (orgs.) **Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PESAVENTO, Sandra J.; SANTOS, Nadia M. W.; ROSSINI, Miriam de S. (orgs.) **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008.
- SALIBA, Elias T. Perspectivas para uma historiografia cultural. **Diálogos**, Maringá, v. 1, n. 1, 1997.

VAINFAS, R. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, C.F; VAINFAS, R. (orgs). **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.